

# **Edmund Husserl, a crise europeia e a crise brasileira**

**Cláudio Mano**

Membro do Centro de Pesquisas  
Estratégicas “Paulino Soares de Sousa”, da UFJF.  
Acadêmico do Curso de Filosofia da UFJF.

[cmpostal@gmail.com](mailto:cmpostal@gmail.com)

## **RESUMO**

Partindo da análise de Husserl sobre a crise europeia – a desagregação de uma unidade transnacional construída em tempo e espaço desde a longínqua Grécia – diante de uma realidade impregnada pela “racionalidade” científica, buscaremos relacionar os conceitos desenvolvidos por Husserl, ao momento vivido em nosso próprio país, de modo a obtermos sustentação para a tese de que existe uma crise similar em nossa sociedade.

## **1 - INTRODUÇÃO**

Husserl (1859-1938), o pai da fenomenologia, viveu em um momento histórico onde o desenvolvimento científico, que acenava com novas possibilidades em benefício da humanidade, também dava suporte às maiores atrocidades, como na primeira Guerra Mundial (1914 a 1918) e impulsionava os preparativos para a segunda (1939-1945). Para destacar ainda mais a dramaticidade desse período, vale lembrar que, em 1933, Hitler torna-se chanceler da Alemanha e, em 1935, promulga as leis anti-semitas. Em 1936, a Europa assiste ao início da guerra civil espanhola.

Husserl acreditava que a crise vivida pela Europa, – representada não só pela violência e pela destruição material, mas sobretudo pelo desencanto de espírito – tinha suas origens na

forma objetiva com que a metodologia científica enquadrava tudo, inclusive o próprio homem. Desenvolveremos nossa análise a partir do livro *A Crise da Humanidade Européia e a Filosofia* (pág 59 - 85), onde Husserl expressa seu sentimento de que a filosofia foi a maior conquista da humanidade, pois lhe permitiu se abstrair da finitude exterior e partir em busca da verdade, na infinitude do intelecto e se apresenta como a única alternativa capaz de “ressuscitar uma nova vida interior e fornecer um novo sopro espiritual, que garanta um grande e duradouro amanhã para a humanidade: pois somente o espírito é imortal.”

## **2 – A crise européia**

Husserl, para dar uma explicação à crise européia, efetua uma análise crítica do desenrolar de sua história, sob o ponto de vista filosófico. Ele constata que, pelo emprego do método científico, o homem gradualmente se afasta da natureza, que passa a ser passível de uma representação abstrata e teórica. Husserl sustenta que, além de uma vida física, o homem possui uma vida intelectual, “vida criadora de cultura”. Ele acredita que “toda a vida psíquica individual humana está fundada na corporeidade”, e que esta transcende o indivíduo e se manifesta na própria comunidade. Ele acreditava que essa interação do corpo com o espírito não pode ser explicada “por meio da Física e da Química exatas” e, assim, não pode existir um mundo “puro do espírito”.

Husserl nos lembra que o sentido da natureza, para os antigos gregos, era mais amplo que o considerado pela ciência; era uma “representação do mundo, isto é, (a) sua concepção subjetiva do mundo”, englobando tanto o físico quanto o imaginário. Parte desse mundo, em efeito, “o mundo circundante”, podia existir na “esfera espiritual”. Assim, parece absurdo a Husserl, querer-se aplicar as leis da ciência, que se alienam da natureza, a uma manifestação implícita da natureza “e fazê-la, assim, pretensamente exata”.

Husserl entende como “Europa”, não uma região geograficamente delimitada, mas sim toda a área sob influência de uma maneira de pensar, de uma cultura constituída por diferentes raças e nações, compondo “uma estrutura espiritual”. Para ele, as estruturas espirituais da atualidade tiveram suas origens a partir de outras, em períodos históricos anteriores, e retornando ao passado, acabaríamos por nos encontrar com os Gregos e Egípcios. Os laços espirituais são, segundo Husserl, aquela parcela de identificação, de busca por semelhança, que cada indivíduo componente de uma sociedade projeta nos demais, e a partir disso é que podemos entender sua colocação: “Por mais hostilizadas que as nações européias estejam entre si, conservam um peculiar parentesco interior no plano espiritual, que as penetra a todas

e transcende as diferenças nacionais”. Esse parentesco ganha como que uma vida própria, uma consciência, que direciona e normaliza a própria estrutura. Husserl acredita que a Europa, por ser uma “descendente espiritual” da Grécia, incorpora a mesma “atitude” para com o mundo circundante, atitude essa que implica em novas “criações espirituais”, que se tornam marcantes em sua cultura.

Husserl nos mostra que foi justamente a concepção da “ciência da totalidade do mundo”, encarnada na Filosofia, que possibilitou, ao identificar “formas e regiões particulares do ser”, a multiplicidade das ciências específicas, e nesse fenômeno, ele identifica o nascimento da “Europa espiritual”. Husserl considera que, ao contrário das aquisições culturais que possuem a característica da transitoriedade, as científicas acabam por ser atemporais, seu uso não resulta em repetições, mas sim em criação original; “o que a atividade científica adquire não é algo real, mas ideal”, resultará na “possível criação de idealidades de nível superior”, “cada degrau atingido torna-se um termo puramente relativo”, conduzindo a fins “cada vez mais elevados”. Para Husserl, a Filosofia permitiu, pela primeira vez, uma cultura baseada na comparação de idéias, o que nos leva a possibilidades infinitas, ao contrário do mundo da experiência cotidiana, atrelado à finitude.

Husserl assinala que ai surge “a diferença entre a representação do mundo e o mundo real”, e a verdade a ser perseguida, não é mais no mundo real (cotidiano), mas a universal, representada na teoria. A criação da filosofia implica na criação de uma nova cultura, surgem novos objetos, tais como a educação, que tem abrangência transnacional. O questionamento, implícito na Filosofia, se aplica tanto ao material quanto ao imaterial, fornecendo um novo norte, que passa a ser a busca da verdade, e que pela incorporação de valores e conhecimentos filosóficos, acaba por se tornar tradição histórica, “como movimento de educação cultural”.

Para Husserl, a assimilação desses novos valores não se dá de forma homogênea, e estas discrepâncias, principalmente em relação às classes dirigentes, acabam por se transformar em elemento de tensão, principalmente se levarmos em conta que o conhecimento filosófico inova, enquanto que o poder normalmente se baseia na tradição conservadora. Ele nos diz que, por trás da Filosofia, se encontra o modelo crítico, e a crítica ao poder implica em sua instabilidade. Assim, a comunidade científica e filosófica passa a ser vista com desconfiança, pois com a expansão da ciência, cresce o ceticismo em relação ao Estado. Husserl acredita que a atração em torno do conhecimento acaba por formar um interesse supranacional, e ai está fundamentada, segundo ele, a própria essência da estrutura européia, que transcende as estruturas nacionais. Portanto, além da organização formal da sociedade, existe um “ideal total”, conecto à reflexão filosófica que a guia.

Husserl nos lembra que não devemos perder o foco do universal, que o pensamento desenvolvido dentro dos estreitos limites de um específico cenário, deve voltar a integrar-se à totalidade. O objetivismo, que é uma ferramenta, não pode se transformar em um fim, sob pena de perder seu próprio significado, amarrado que está a uma específica representação do mundo, e não ao mundo. A natureza deve prevalecer como “um todo homogêneo que une todas as coisas, um mundo para si”. Para Husserl, a dificuldade a ser vencida, para prevalecer essa última visão, é a de romper com o dualismo psicofísico, do qual Descartes é o expoente. Husserl acredita que o caminho a ser buscado deve ir além da “esfera pessoal do indivíduo”, já que as projeções a partir dessa referência são uma ficção que não reflete a percepção que os outros têm do mesmo problema.

Para Husserl, o mundo objetivo acaba por se justificar na lógica e na razão para se impor ao subjetivo, mas, paradoxalmente, este é o próprio “mundo circundante vital, que constantemente é pressuposto como base, como terreno da atividade, sobre o qual suas perguntas e seus métodos de pensar adquirem um sentido”. Ele acredita que a ciência tem dado uma contribuição significativa ao desenvolvimento humano, mas ela não pode esquecer que seu contexto específico de atuação não representa a totalidade dos experimentos possíveis.

Husserl considera que a verdadeira obra se dá no espírito, não na execução do método. “O espírito é, por excelência, capaz de exercer o conhecimento científico de si”. Para Husserl, a fenomenologia pode contribuir para apaziguar os conflitos gerados pelo dualismo, que em síntese, seria a causa da crise em que vive a Europa, uma vez que está incrustado em sua estrutura intelectual, como nos mostra a história. Os problemas gerados pelo “racionalismo”, não implicam em sua invalidade, e sim que a alienação que o cerca deve ser corrigida. Husserl conclui considerando que, ou a Europa rompe com seu caminhar histórico e se desintegra enquanto “supra-nacionalidade”, ou a partir do momento crítico que vivencia, busca orientação na luz da filosofia e renasce.

### **3 – A crise Brasileira**

Husserl observou que havia uma estrutura comum ao pensamento europeu, que possibilitava uma união intelectual, e que se sobrepunha às particularidades culturais e aos interesses específicos de cada nação, e que esse vínculo se originou na Grécia. Também vimos que a crise ataca a “estrutura espiritual” e, nesse processo, o homem se dá conta da

incapacidade dos meios científicos, para fazer prevalecer o progresso e a felicidade esperados, daí advindo a descrença e a perplexidade.

É justamente na descrença e na perplexidade que percebemos, de forma cada vez mais acentuada, em nosso dia a dia, que buscamos traçar um paralelo entre sociedades em tese tão diferentes, quanto a da Europa de meados do século XX e a Brasileira, em transição para o século XXI.

Seguindo os passos de Husserl, nos voltamos para o passado em busca de um ideal comum que, em primeiro lugar, nos forneça os elementos que nos unem, para então avaliar que forças os estão enfraquecendo. Não precisamos retroceder muito para constatar, que ao contrario da européia, a União Brasileira não se dá em torno da evolução de um interesse comum, e sim a partir de pelo menos três concepções bastante diferentes, que se põem em contato, mas não necessariamente se integram: a União Brasileira não se dá em torno da evolução de um interesse comum, e sim a partir de pelo menos quatro concepções bastante diferentes, que se põem em contato, mas não necessariamente se integram: A herança da cultura científica européia (que nos leva à Grécia), a cultura africana (com toda a sua riqueza religiosa, mas desprovida do enfoque científico), a cultura ameríndia (cuja tradição nos remete a uma integração com a natureza) e, finalmente, a cultura resultante da miscigenação das três primeiras.

O que acontece quando as culturas que compõem um país não possuem a mesma historicidade? Seria razoável supor que, ao contrário da crise européia que antevia uma desagregação em função do enfraquecimento de seu núcleo, vivamos uma crise em decorrência de um núcleo de interesse jamais ter sido fortalecido? Será a união geográfica e política suficiente para garantir a presença dos valores básicos, que dão uma direção aos esforços da sociedade em busca da felicidade? Viveríamos no trágico equilíbrio, onde o cientificismo, levado ao extremo, é sistematicamente contraposto por um sentimento de incompreensão de seu sentido e mesmo da descrença sincera de sua validade e eficácia?

Nesse ponto vale destacar, que não estamos nos referindo a uma falta de integração decorrente de desigualdades econômicas ou sociais, e nem tão pouco de uma união em torno de festividades culturais ou esportivas. Na verdade, estamos visando algo ainda mais profundo que o fato de compartilharmos a mesma linguagem. Estamos focando o modo como olhamos o mundo, o significado que atribuímos às palavras felicidade e liberdade, os valores comuns que desejamos preservar, não por uma opção, mas por constituírem nossa própria essência, nossa “estrutura espiritual”, o local onde retornamos quando desorientados, a fim de restaurar nossa clareza de espírito, à luz de nossa própria filosofia.

#### 4- CONCLUSÃO

Se a tese acima apresentada for válida, tal como a teoria proposta por Husserl, nos vemos diante das seguintes possibilidades: ou sucumbir à barbárie, ou efetivamente consolidar nossa própria “estrutura espiritual”. Essa gênese, entretanto, não será possível pela ciência, pois é de sua natureza desagregar. Também não o será pela política que, ao impor leis que determinam comportamentos ou compensações, somente agrava os sentimentos de distância e isolamento. Nesse caso, a construção de nossa identidade, se e quando for empreendida, somente o será pela Filosofia, que tem a vocação da busca pela essência, e que pode lançar as perguntas, diante das quais, o esforço pela obtenção das respostas, se constitua no próprio caminho a ser trilhado.

[www.defesa.ufjf.br](http://www.defesa.ufjf.br)  
**Universidade Federal de Juiz de Fora**



---

#### BIBLIOGRAFIA

HUSSERL, Edmund, **A Crise da Humanidade Européia e a Filosofia**, (Tradução Urbano Zilles), Porto Alegre, EDIPUCRS, 1996